

## Mediocridade e pasmaceira

MARCELO DE PAIVA ABREU

A julgar pelas pesquisas de opinião, Lula, qual asno de Buridã, eqüidistante entre a água e o feno, vai morrer de fome e sede. Na dúvida entre 'sair', nas eleições, de PT tradicional ou de PT que tentou modernizar-se, parece estar pronto a entregar a eleição à oposição. O equilíbrio entre o PT 'autêntico' e o PT 'neoliberal' não resistiu à perda de face com a constatação do uso generalizado de práticas ilegais pelo partido. Tornou-se fundamental encontrar explicação que evitasse a óbvia: para boa parte do partido o alegado compromisso com a ética era balela.

Zonzos com a perda de reputação, os próceres partidários partiram para explicações que fossem úteis na recuperação da perda de face e, também, nas disputas internas do partido. Essa é a origem da sugestão espúria de que há parentesco claro entre a difusão do *modus operandi* de fazer finanças partidárias ilegalmente e a reorientação do programa econômico de governo rumo ao 'neoliberalismo'. O risco Brasil bate recordes de baixa, o País liquida antecipadamente suas obrigações com o FMI e a nova direção nacional do PT assevera que tem 'consciência do que está em jogo, tanto para o Brasil quanto para a América Latina'. E adverte: 'Não permitiremos o retorno, ao governo federal, de partidos comprometidos com o ideário neoliberal, com os interesses do capital financeiro e dos Estados Unidos'... E tome abraços em Chávez.

Mesmo que a esta altura o presidente resolva optar por disputa eleitoral calcada na defesa de sua principal realização, que é a estabilização da economia, é bom que saiba que o vaso quebrou quando abandonou a política econômica ao ataque da rafaméia política que ascendeu com o ocaso das lideranças atingidas pelo mensalão. Caso se arrependa, será difícil readquirir a credibilidade anterior, em vista da leviandade do comportamento no passado recente. A esta altura da partida, não é impossível que a principal influência que Lula venha a ter no ano próximo seja sobre a qualidade da herança deixada ao seu sucessor.

Com o PT dividido e as dificuldades de Garotinho, candidato que bem ilustra o ditado siciliano de que 'o pior nunca tem fim', tudo indicaria um sucessor do PSDB. Mas há pouca base para regozijo, mesmo nesse cenário. O Brasil de hoje, mergulhado na pasmaceira, precisa de lideranças políticas que o sacudam, que não tenham temor em insistir que o País deve abandonar o seu conforto com a mediocridade. Engajar-se em esforço nacional de autocrítica realista e em busca de melhor desempenho na maioria dos campos de atividade. É urgente que se reconheça que estamos sendo deixados para trás pelo mundo que conta.

Como nação, precisamos refletir seriamente sobre a expressão de Ribeiro Couto a respeito do 'homem cordial', imortalizada por Sérgio Buarque de Holanda como 'contribuição brasileira à civilização'. Essa cordialidade basal não se limitaria a sentimentos positivos e de concórdia, o importante é que vem do coração, procede 'do familiar, do privado', em contraposição ao público. Vertente lamentável da cordialidade definida nestes termos é a prática do jogo do contente. No Brasil, não é de bom tom botar o dedo na ferida e criticar com contundência os contrastes entre a situação no País e o que se passa no mundo, em relação a muitos aspectos da vida brasileira: economia, sociedade, cultura. O jogo do contente baseado no auto-engano permite que inevitavelmente se chegue à conclusão de que as coisas, afinal, não vão tão mal assim. É preciso exorcizar esse hábito para que seja possível mudar o País.

Alguns exemplos, em respeito às limitações de espaço e para não abusar do leitor. A despeito do tom autocongratatório das autoridades educacionais, a qualidade da educação que se oferece no País, dependendo do nível, é, em média, medíocre ou até

vergonhosa. A assistência pública à saúde é insuficiente em qualidade e quantidade. Quanto ao crime, a situação é calamitosa.

Em diversas áreas metropolitanas o crime organizado age com impunidade quase absoluta. O País continua a figurar na lista dos que têm as piores distribuições de renda e o número de miseráveis é ainda imenso. As boas intenções no terreno da ecologia são comprometidas por delinquência predatória persistente. A Justiça é ridiculamente morosa e a situação das prisões, simplesmente selvagem. Os direitos de propriedade nas cidades e no campo são violados sistematicamente, muitas vezes com o beneplácito das lideranças políticas. As alianças diplomáticas do País privilegiam relações com líderes populistas caricaturais e declarações bombásticas de independência, típicas de repúblicas de bananas. Boa parte dos meios de comunicação de massa se preocupa simplesmente em encontrar formas inovadoras de narcotizá-las. A sociedade recusa-se a equacionar soluções que permitam a redução de gastos públicos no longo prazo. O ajuste fiscal depende de aumento da carga tributária. É difícil imaginar que alguma das alternativas mais viáveis de candidato presidencial do PSDB tenha condições de empolgar o País para que se quebre a pasmaceira na qual está mergulhado há pelo menos 25 anos, que se instile realismo na sua auto-avaliação e se implemente programa efetivo de mudanças que o faça mover-se com o mundo. É essencial que se rompa o equilíbrio perverso que nos deixa refestelados confortavelmente na mediocridade. Mas está difícil vislumbrar que algo parecido ocorra no próximo mandato presidencial.

---

Marcelo de Paiva Abreu, doutor em Economia pela Universidade de Cambridge, é professor-titular do Departamento de Economia da PUC-Rio